

## Violência ou diálogo? Reflexões psicanalíticas sobre terror e terrorismo

Sverre Varvin e Vamik Volkan (Org.); (tradução Tânia Mara Zalcborg).  
São Paulo: Perspectiva, 2008. 270 p.

Carla Maria Pires e Albuquerque Penna\*

*Violência ou diálogo?* apresenta a tradução para o português de uma coletânea de artigos de psicanalistas de diversas partes do mundo, representantes de distintas correntes teóricas e de etnias variadas, que refletem sobre a questão do terror e do terrorismo, tendo como ponto de partida os episódios ocorridos em 11 de Setembro nos Estados Unidos. Na verdade a iniciativa partiu do esforço coletivo de um grupo de trabalho da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) sobre o tema, questionando como a psicanálise pode contribuir para a compreensão do fenômeno do terrorismo, já que as indagações sobre assunto se restringiam até então a abordagens de cunho político-social.

Leo Rangel introduz a leitura do livro considerando-o um marco para a psicanálise aplicada na medida em que vislumbra que a compreensão da dinâmica e da psicopatologia do comportamento de grandes grupos, incluindo o conflito entre nações e etnias, pode encontrar um espaço e uma maior profundidade de entendimento similar ao que ocorre na psicanálise individual. Isto é, as questões que aborda promovem uma ampliação do que Freud delineou em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), especialmente quando aponta que a psicologia individual é também psicologia social, idéia pouco compreendida em alguns círculos psicanalíticos, mas que promove a interpenetração entre fenômenos individuais e coletivos. As reflexões propostas por *Violência ou di-*

---

\* Psicóloga, Psicanalista, Membro Efetivo/CPRJ, Membro Efetivo da *Group-Analytic Society of London*.

*álogo?* versam em torno da pesquisa psicanalítica sobre atos de terror coletivo, investigando não só suas origens na psicologia individual, mas também na psicologia dos grandes grupos religiosos e ideológicos, examinando realidades políticas e sociais compartilhadas, bem como suas representações psíquicas. O objetivo final é o desenvolvimento de estratégias que aparelhem as sociedades a lidar melhor com o terror e suas conseqüências.

As considerações desenvolvidas em *Violência ou diálogo?* parecem, em um primeiro instante, distantes da realidade social brasileira. Entretanto, é possível afirmar que os ensaios desenvolvidos neste livro conduzem os psicanalistas de hoje a questionamentos que extrapolam o limite de seus divãs. Neste sentido, *ser psicanalista hoje* traduz um ofício que está para além dos intrincados caminhos da clínica analítica, já que a sociedade contemporânea convida o psicanalista a um aprofundamento na reflexão interdisciplinar sobre o que causa horror e indignação diante do estranho, do inexplicável que reside no comportamento do outro.

*Violência ou diálogo?* conta com excelentes prefácios de Daniel Widlöcher, Lord John Alderdice e Marcelo Coelho. De início, Widlöcher relembra a pergunta feita a Freud por Einstein *Por que a guerra?* (1933[1932]) e a compara com a pergunta hoje feita por todos: Por que o terrorismo? Para ele a psicanálise não tem resposta a essa pergunta, mas os psicanalistas, cada um a seu modo, podem contribuir para a reflexão que envolve complexos fenômenos de grupo ligados ao terrorismo. É necessária a utilização de instrumentos teóricos e psicanalíticos na compreensão da natureza dos processos inconscientes envolvidos na formação e no desenvolvimento de grupos violentos e na dinâmica dos grandes grupos a ele relacionados. A violência coletiva não é uma novidade e desde a Revolução Francesa o terror é mais do que uma mera expressão de violência e agressão. O ato terrorista não é apenas um gesto destrutivo, é um ato político baseado em uma lógica que expressa de forma dramática ou teatral uma mensagem de justiça ou de redenção coletiva. Ainda para o autor o objetivo do livro não é só o de permitir a compreensão dos mecanismos psicológicos e dos efeitos dos atos terroristas, mas também o de propor formas de proteção de pessoas ou grupos sociais contra o fascínio que o terrorismo exerce, bem como contra seus efeitos destrutivos (que perduram por longos anos via transmissão psíquica transgeracional). O segundo prefácio é de John Lord Alderdice – psiquiatra, detentor de honrarias internacionais por sua participação na negociação do processo de paz na Irlanda do Norte – que considera responsabilidade social dos psicanalistas a compreensão das origens profundamente arraigadas do fenômeno do terrorismo. O autor vai ainda mais longe

ao afirmar que o psicanalista deve participar da elaboração do que chama de “táticas de guerra” para o combate do terrorismo em suas origens na medida em que o fenômeno envolve questões ligadas à psicologia dos seres humanos como ódios, humilhações, desenraizamentos, diferenças de gênero ou religião e desvantagens econômicas. Por último Marcelo Coelho, articulista da Folha de São Paulo, dá tempero ao prefácio da edição brasileira falando sobre o enigma que se impõe diante do horror que o terrorismo provoca evocando a busca de Édipo em torno da verdade. O autor valoriza o ecletismo dos ensaios reunidos baseados em uma modéstia de princípios e indagações ao invés de buscarem uma resposta última sobre o terrorista ou o terrorismo em si.

É neste sentido que é possível afirmar que o desafio da Esfinge - “Deciframe ou te devoro” - persiste em relação à pergunta em torno do terrorismo e a situação de desamparo que ele impõe. Entretanto apesar de um episódio terrorista ter o poder de momentaneamente paralisar, em um segundo momento pode conduzir a reflexões dentro da esfera da psicanálise. Após o impacto inicial o pensamento e o movimento se restabelecem justamente quando a investigação sobre o terrorismo revela em suas bases ameaças identitárias de grandes grupos (Varvin, Volkan), identidades masculinas ameaçadas (Çevik, Chodorow), mecanismos extremos de cisão e projeção (Varvin, Volkan, Boehleber), idealizações grupais e ideologias radicais (Erlich, Awad) e mecanismos de anulação e desumanização do outro (Akhtar) processos familiares à pesquisa psicanalítica. Em relação às conseqüências do terrorismo, o silêncio (Welsh-Jouve) e os traumas que envolvem não só indivíduos, mas sociedades inteiras (Varvin, Volkan) são temas ainda de grande familiaridade ao psicanalista. Assim, embora o enigma não se decifre, não cega e a psicanálise atual pode investigar muitos dos mecanismos psicológicos envolvidos na mente do terrorista ou nos grupos terroristas e na violência entre indivíduos e grandes grupos. Dentro desta perspectiva as contribuições de *Violência ou diálogo?* não se restringem apenas à compreensão do fenômeno do terrorismo ou dos episódios de 11 de Setembro, mas se aplicam às indagações sobre as diversas formas de agressão e violência. No Brasil estas questões, embora não envolvam atos terroristas propriamente ditos, deixaram de ser assunto restrito às páginas policiais fazendo parte do cotidiano. A banalização da violência, a intolerância, o desprezo pela vida, a negação radical da miséria do outro e da própria alteridade se tornaram no país fatos corriqueiros que não deixam, contudo, de produzir uma perplexidade semelhante àquela diante de um ato terrorista.

*Violência ou diálogo?* é dividido em três partes. A primeira contém ensaios sobre os antecedentes históricos e conceituais do terror e do terrorismo, con-

tando ainda com artigos sobre as influências da globalização nas questões identitárias e de gênero que estão na base dos comportamentos de terroristas. Dentre as inúmeras contribuições desta primeira parte é possível destacar o ensaio do indiano Vendatam sobre a história do terrorismo discutindo a necessidade de analisar e compreender as forças irracionais enraizadas na dinâmica inconsciente tanto individual quanto grupal para apreender o que é o terrorismo. Sua contribuição vai além da apresentação de dados históricos sobre o fenômeno revelando a dificuldade de se definir o que é o terrorismo. Fugindo de polaridades ou visões maniqueístas que separam bons e maus, terroristas e vítimas com atos e respostas justificáveis, Vendatam aponta em relação ao terrorismo, para o que denomina efeito *Rashomon*<sup>1</sup>. Isto é, dependendo do ângulo em que um ato de terror é analisado diferentes pontos de vista podem mostrar diversas impressões sobre o ato de violência, não sendo possível encontrar uma única versão sobre o acontecimento. Assim, a dificuldade de definir o que é certo ou errado segundo um ou outro ponto de vista faz do terrorismo mais do que um fenômeno, uma expressão muito difícil de definir. Entretanto é possível encontrar características similares em todos os atos terroristas tais como: a intencionalidade, o ataque a símbolos nacionais ou do governo, bem como a líderes idealizados e martirizados. O ato agressivo em si é praticado de forma ostensiva e teatral visando, mais do que destruir ou matar, provocar um trauma de efeito vasto e cumulativo, que aumenta com o tempo e instila ódio, humilhação extrema e principalmente desejo de retaliação.

Nesta primeira parte é importante destacar o ensaio do único brasileiro do grupo de trabalho, Leopold Nosek que escreve sobre o *Terror na vida cotidiana*. Embora não se dedique estritamente à questão do terrorismo sua contribuição recorda que a tarefa do psicanalista não é a de fornecer respostas às demandas desejantes de seus pacientes, mas sim a de abrir caminhos que os levem do campo pulsional para o civilizatório, produzindo pensamento e ação no mundo e reflexão sobre o que provoca mal-estar. Assim, se barbárie e terrorismo são temas que produzem perplexidade e mal-estar é dentro deste ponto de vista que Nosek afirma que apesar da complexidade definitiva do terrorismo, temas diretamente relacionados a ele como terror, horror, sinistro e estranho pertencem ao âmbito de estudo da psicanálise. A ênfase recai na tarefa cada vez mais complexa da psicanálise em insistir na substituição de processos sociais que privilegiam a ação pelo pensamento reflexivo em prol do civilizado.

---

<sup>1</sup> Rashomon é um filme de Akira Kurosawa de 1950 que explora um crime a partir de variados pontos de vista, revelando versões completamente diferentes sobre o acontecimento.

De fato, seres humanos humilhados, traumatizados e envergonhados pela brutalidade dos conflitos que atravessam ficam à mercê do desamparo e da impossibilidade de pensar. Dentro desta conjuntura, no momento em que a capacidade de pensar e a própria relação, a visão e o respeito pelo outro, como semelhante, se encontram obscurecidos por mecanismos psicológicos, ideológicos ou políticos, psicanálise e ética se encontram, implicando o psicanalista em questões que vão além do consultório.

Na seqüência, o editor Sverre Varvin da Noruega apresenta em *Terrorismo e vitimização: dinâmicas individual e de grandes grupos*, uma introdução sobre o estudo psicanalítico do terrorismo e dos movimentos terroristas, dando ênfase aos processos mentais e a dinâmica dos grandes grupos envolvidos. Para o autor são assuntos que ainda despertam pouco interesse na comunidade psicanalítica embora o psicanalista cipriota Vamik Volkan – co-editor desta publicação e autor do ensaio *Sociedades traumatizadas* – seja uma exceção, dedicando-se de forma pioneira à pesquisa sobre a psicodinâmica de grandes grupos, tendo escrito desde 1976 mais de 26 livros sobre o tema. De fato, tradicionalmente a análise das questões que envolvem grandes grupos étnico-nacionais estão centradas apenas em torno de processos histórico-sociais deixando de lado a investigação dos processos psicológicos compartilhados. Neste sentido, a atenção para a dinâmica dos grandes grupos torna-se fundamental, pois nestes casos a análise se volta para a observação de mecanismos psicológicos como regressão, identificação, projeção, cisão e fusão envolvidos em grandes grupos em conflito. Nestas situações as sociedades traumatizadas regridem como um todo facilitando identificações intensas entre seus membros, projeções massivas da própria agressividade em outro grupo rival e fenômenos de transmissão psíquica. Dentro desta perspectiva é possível afirmar que o narcisismo das pequenas diferenças (Freud, 1930) fica potencializado levando os grandes grupos a uma homogeneização intensa, a uma intolerância à diferença e a um funcionamento pré-edípico que facilita a escolha de líderes com características psicopáticas ou narcísicas, em torno dos quais se estabelece uma fé cega em sua liderança.

Retomando o ensaio de Varvin é importante considerar seu esforço em investigar a “mentalidade do terrorista” bem como os fatores que levam ao desencadeamento da violência. O autor apresenta uma análise que ocorre em três níveis – individual, grupal e cultural –, afirmando que, de uma maneira geral, a psicodinâmica do terrorista aponta para um fracasso relacional do sujeito nas dimensões descritas acima que o conduzem ao isolamento, à alienação, à vergonha, à raiva e a impotência. As conseqüências são traumáticas e

devastadoras e o processo leva à cisões e projeções massivas que para preservarem o *self* combatido e ameaçado de desintegração, acabam por colocar o outro, indivíduo ou grupo rival, em um lugar desprovido de humanidade, podendo ser assim destruído. Desta forma, sujeitos submetidos à experiências intensas e prolongadas de vergonha, humilhação e desenraizamento são levados a projetar partes vergonhosas de si mesmo no outro na tentativa de restauração da coerência do *self*. Isto pode levar à desumanização do outro e a atos violentos para destruir ou livrar-se das partes vergonhosas restaurando o senso de individualidade.

A procura por mecanismos psicológicos que justifiquem condutas terroristas conduz a reflexões psicanalíticas extremamente interessantes ao longo dos artigos. Entretanto, é o psicanalista israelense Erlich que, mesmo não invalidando as pesquisas de seus interlocutores, chama a atenção para necessidades intrapsíquicas dos seres humanos, independentes de suas biografias, que revelam tendências sociais que conduzem à experiência de êxtase paradisíaco e perfeição utópica. A questão central para o autor gira em torno da necessidade do indivíduo de experimentar uma existência imersa em algo maior que o próprio *self*, que pode ser uma causa, uma religião ou uma ideologia que prometa um estado idealizado. Em termos grupais lida com questões que giram em torno da problemática dos ideais onde um grupo coeso e eleito promove uma experiência apocalíptica, marcada por uma fase de destruição e purificação total seguida por um renascimento messiânico.

A segunda parte do livro busca investigar os mecanismos psicológicos e sociais que conduzem ao terrorismo. O artigo do alemão Werner Bohleber, *Fantasma coletivos, destrutividade e terrorismo*, é primoroso ao investigar sob um viés psicanalítico, o universo fantasmático do fundamentalismo islâmico. A análise busca construir uma ponte entre as fantasias inconscientes e a consciência, o indivíduo e o coletivo e a cultura como modo de vida ou como ideologia. A investigação sobre os fantasmas coletivos percorre um caminho que se inicia no exame das relações primárias e na ansiedade do bebê diante de estranhos, descritas por Spitz (1965), até às intrincadas relações de grupo que envolvem fantasias de fusão, purificação e rivalidade entre irmãos.

Nesta segunda parte o indiano radicado nos Estados Unidos, Salman Akhtar, contribui com a transposição do conceito de desumanização, postulado por Hannah Arendt, para a esfera da psicanálise. Utilizando sua observação como psiquiatra de casos graves de autismo ou psicose onde fenômenos de despersonalização ocorrem, aliando-os às contribuições de Winnicott e Mahler, Akhtar descreve o mecanismo psicológico da desumanização encontrado

em assassinos seriais e terroristas. Suas contribuições, além de originais, fornecem elementos para a reflexão sobre a “mente do terrorista” e de grupos ideológicos especialmente no que diz respeito à radical desconsideração pela própria vida e pela vida de suas vítimas. Em última instância a desumanização permite a violência contra os outros e em processo análogo, contra si mesmo, na medida em que a desumanização do próprio *self*, possibilita, usando as palavras de Winnicott, a “destruição do *self* total, evitando a aniquilação do verdadeiro *self*”.

A terceira parte do livro dedica-se à análise das conseqüências do terror com ensaios que enfatizam as questões traumáticas que envolvem indivíduos e grupos submetidos a agressões e violência. O terror apresenta conseqüências a longo prazo, que podem ser evidenciadas tanto em dramas pessoais, quanto em famílias e grupos vitimizados e até em sociedades inteiras traumatizadas. A questão do silêncio e da transmissão psíquica transgeracional é abordada, o que desvenda um enorme campo de pesquisa para a psicanálise de indivíduos e de grupos.

Após a leitura dos ensaios oferecidos, que contam com uma vasta e original bibliografia, o leitor fica estimulado a continuar a reflexão sobre o tema através de outras fontes, mergulhando em um novo universo investigativo, que embora pareça distante da psicanálise praticada abaixo da Linha do Equador é fundamental para que a pesquisa prossiga. Neste sentido torna-se necessário, retomando as palavras de Nosek, que a sociedade possa cada vez mais transformar ação em pensamento e dentro desta perspectiva o psicanalista tem muito a contribuir. Somente a reflexão e sua transformadora ação no mundo podem oferecer soluções no combate à miséria, violência, opressão e desumanização que fazem parte do dia-a-dia de tantos países. O esforço interdisciplinar é invocado na tentativa de prevenir e minimizar as conseqüências de atos violentos praticados por indivíduos ou grupos humanos.